

Territorialidade do Lazer e Turismo em uma Área Ribeirinha: Análise do Baixo Rio Sucuriú, Município de Três Lagoas – MS¹

Rita Maria de Paula Garcia²

Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo

O lazer e turismo são ícones do desprendimento laboral e sinônimos de liberação, atualmente associados à valorização do meio natural e à qualidade de vida e bem-estar. Como uma das conseqüências desta tendência, as residências secundárias configuram territorialidades de lazer e turismo no lago artificial formado pela Usina Hidrelétrica “Engenheiro Souza Dias” no Município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, por meio de loteamentos às margens do rio Sucuriú. O objetivo da pesquisa é analisar a territorialidade pelo lazer, por meio da introdução de residências secundárias às margens do rio Sucuriú-MS. A pesquisa delimitou-se em fontes bibliográficas e documentais, além de pesquisa empírica.

Palavras-chave: territorialidade; residência secundária; rio Sucuriú.

1 Território e Territorialidade

O território está relacionado com as raízes, a formação, o povoamento. O homem, em coletividade, se instala em determinada área e nela produz e reproduz suas condições de sobrevivência.

A articulação entre os atores movidos por interesses comuns em torno de uma mesma atividade organiza e fortalece o território, conseqüentemente formas são inseridas para dar maior especialização.

Um dos elementos integrantes do território é evidenciado por estas formas em maior ou menor grau, com interferência do trabalho estão dispersas e representam o esforço do homem e a heterogeneidade sócio-espacial. A outra parte, não menos importante, se refere à diversificação cultural contextualizada nesta realidade sócio-espacial que se torna notória pela informação transmitida através de símbolos, comportamentos, entre outros inerentes à cultura.

Turra Neto (2000, p. 89) coloca que o território se estabelece por noções de limite e informações:

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo Urbano e de Fronteiras na América Latina V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Mestre em Geografia, Especialista em Gestão Estratégica do Turismo, docente de graduação em Turismo na Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Nova Xavantina, coordenadora de projeto de pesquisa FAPEMAT, professora integrante da equipe de coordenação de projeto de extensão. E-mail: rita_turismo@hotmail.com

[...] O ator desenvolve um conjunto de signos que lhe permitem comunicar a outros os limites do seu território. Limites que não precisam necessariamente estar demarcados no terreno, podem estar em signos colocados nas roupas, na música, nas ideologias etc. [...]

Em alguns casos a delimitação não é anunciada, mas acena nos comportamentos e atitudes, como afirma Raffestin (1993, p. 165), “[...] o limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: o da ação imediata ou o da ação diferenciada. [...]”

As fronteiras político-administrativas, por si só, não discernem os territórios, e sua sobreposição é inerente à mobilidade, comunicação e relações estabelecidas na sociedade moderna. Multifacetado, o território para Haesbaert (2004, p. 40) é compreendido sobre os seguintes aspectos:

- política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.
- cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo.

Neste sentido, pode-se averiguar a possibilidade de sobreposição de territórios pelos seus aspectos delineadores isoladamente ou pela combinação dos mesmos.

A partir das relações humanas são expressas suas proximidades, seus costumes, suas habilidades, ou seja, a cultura de um povo. O território é uma extensão das relações humanas, é onde se encontram suas raízes, sua história, seus ancestrais. Primeiramente, como valor de uso, o território é um forte elo de identidade; e posteriormente, como valor de troca, demonstra a apropriação.

O entrelaçamento de interesses comuns unidos a formas semelhantes de utilização de uma área são elementos que estão na gênese da consolidação de um território.

[...] O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. [...] (SANTOS, 2002, p. 9)

O território não é constituído apenas por delimitações de fronteiras e estratégias administrativas, que irão definir a extensão de atuação dos indivíduos que o regem. Está entrelaçado ao seu uso pelas pessoas que se estabeleceram sobre a superfície.

A intensificação do uso do espaço por qualquer atividade, por qualquer forma de expressão, numa área relativamente definida, concebe o território. O uso efetivo por indivíduos e a maneira intrínseca da prática de apropriação e relacionamentos particulares estabelecidos, delinea a territorialidade.

A territorialidade é identificada pelas práticas sociais que, por um lado, são definidas por relações de poder, através do controle, e, por outro, pela apropriação simbólica e afetiva de uma área geográfica por indivíduos ou grupos. Assim sendo, o território, nada mais é, do que a manifestação geográfica dessa territorialidade, através dos seus limites, que se dão de modo diferenciado. (RIBEIRO, 1997, p. 96)

As relações sociais, as formas, os novos significados adquiridos por essa área concebe uma territorialidade pelo grupo que vai ocupar, usufruir, dinamizar e dar singularidade ao espaço.

2 Território e Territorialidade do Lazer e Turismo

2.1 Metodologia da Pesquisa

Os procedimentos metodológicos da pesquisa envolvem pesquisa bibliográfica dos temas turismo e território a fim de que os mesmos concebessem o suporte teórico para a pesquisa empírica delineada.

Por meio de pesquisa documental realizada no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis no Município de Três Lagoas, cidade localizada na porção leste do Estado de Mato Grosso do Sul, coletaram-se escrituras datadas desde o século XIX que fornecessem dados objetivos e seguros sobre a origem dos loteamentos e residências secundárias, e suas características oficiais (área atual, área remanescente, número de lotes, período do loteamento, entre outros).

A pesquisa empírica contribuiu para análise e compreensão da realidade, realizada por meio de pesquisa quantitativa, ou seja, relacionada à quantificação e a visualização em resultados estatísticos para descrever um problema. A técnica utilizada foi formulário, devido a sua aplicabilidade e posterior disposição em tabelas e gráficos, formada por perguntas fechadas, perguntas abertas e fechadas e perguntas abertas, que permitiram identificar

principalmente a origem do proprietário, atividades desenvolvidas na residência secundária, infra-estrutura, frequência de utilização do imóvel e mão-de-obra contrata.

Realizou-se a pesquisa de campo em 8 loteamentos (Condomínio Bassini, Condomínio Retiro das Palmeiras, Maresias, Oásis, Praia da Lapa, Recanto Tucunaré, Retiro Bom Jardim e Solar das Gaivotas) sendo percorridos 503 lotes, e um total de 87 respondentes.

O presente trabalho é resultado parcial da dissertação de Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, concluída em 2007.

2.2 Contextualização da Área de Estudo

A Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias (Jupiá) foi construída pela Companhia Energética de São Paulo (CESP) no limite dos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. A grandiosa obra, barragem de 5.600 metros de extensão, exigiu a instalação de um “núcleo urbano de caráter transitório” no qual se instalariam os funcionários (CESP, 1988), e que atualmente configura o Município de Três Lagoas-MS.

A borda do reservatório são terras desapropriadas e pertencem a CESP, que concede o uso público e privado previsto pelas “Normas Ambientais para Uso e Ocupação de Bordas e Reservatórios”.

[...] O reservatório, formado pelos rios Paraná, Tietê e Sucuriú, com 330 quilômetros quadrados, atingiu os Municípios de Castilho, Pereira Barreto e Itapura, no Estado de São Paulo, bem como o Município de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. [...] (CESP, 1988, p. 7)

O extenso reservatório de usinas hidrelétricas possibilita o desempenho de várias atividades como esportes náuticos, navegação, pesca, banho, etc. Também são foco de loteamentos por interesse de pessoas em desfrutar do lazer às margens dos reservatórios.

Atualmente são 14 loteamentos reconhecidos pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas e acrescido mais 1 loteamento a partir de documentos encontrados, somando 15; são eles respectivamente: Água Tirada, Clube de Campo Eloy Chaves, Clube de Campo Ema, Condomínio Bassini, Condomínio Retiro das Palmeiras, Maresias, Oásis, Pontal do Faia, Praia da Lapa, Projeto Paraíso, Retiro Bom Jardim, Recanto Tucunaré, Riviera, Varginha, mais o Solar das Gaivotas.

A condição de status em torno das propriedades de residências secundárias - localmente denominadas “rancho”- no baixo rio Sucuriú foi primeiramente dirigida a pessoas

de elevado poder aquisitivo, porém, suscitou o interesse da população em geral de Três Lagoas, e atualmente estima-se que haja mais de 1.000 ranchos às margens desse rio.

2.3 Territorialidades do Lazer e Turismo às Margens do Rio Sucuriú

Partindo para a configuração territorial centrada no lazer e turismo, a introdução de infra-estrutura de lazer para suprir as necessidades da população local ou mesmo de turistas em área restrita irá configurar o território, devido suas características. O uso efetivo do espaço pela população concebe o território, sua forma, função, estrutura social, maneira de se relacionar com o lugar. Aquilo que é percebido, exercido pela população local concebe pragmaticamente o espaço.

A organização do espaço às margens do rio Sucuriú, Município de Três Lagoas-MS, apresenta a fragmentação da área ribeirinha para uso pelo lazer estimulando a instalação de equipamentos específicos (objetos sociais) para sua prática bem como para o turismo como as pousadas e bares ali existentes.

Porém, a forma mais expressiva da concepção do território turístico no local, se dá por meio da introdução de residências secundárias.

Casa de temporada, de praia, de campo, chalé, cabana, rancho, sítio ou chácara de lazer são alguns dos termos comumente aplicados às propriedades particulares utilizadas temporariamente, nos períodos de tempo livre, por pessoas que têm sua residência permanente em outro lugar. (TULIK, 2001, p.11)

Dentre as várias denominações, a residência secundária é uma segunda casa para passar curtos períodos especificamente (férias, feriados) com o intuito de desfrutar do tempo livre. Normalmente o indivíduo adquire a propriedade em locais onde tenha afinidade com o ambiente e considere propício para as práticas de lazer junto da família.

A territorialidade se expressa pelo uso do espaço, pela cultura, e pelas atribuições delimitadas a uma área especificamente. Neste contexto, o uso do termo “rancho” se caracteriza como uma representação da finalidade e entrelaçamento das atividades atribuídas a esse lugar, sendo que sua disseminação vem a configurar um território de lazer e turismo no município.

De acordo com Santos (1988, p. 111),

A configuração territorial ou configuração espacial é dada [...] pelo arranjo sobre o território dos elementos naturais e artificiais de uso social: plantações, canais, caminhos, portos e aeroportos, redes de comunicação, prédios residenciais,

comerciais e industriais etc. A cada momento histórico, varia o arranjo desses objetos sobre o território. [...]

O território é a organização social, política e cultural sobre o espaço num dado momento sobre uma parte definida do solo, onde os limites de sua atuação estão definidos simbolicamente, e/ou administrativamente, e/ou fisicamente. Sua configuração está em diversas escalas e sobrepostas, o que concede maior complexidade a categoria de expressividade social maximizada.

A inserção de infra-estrutura de lazer e turismo em dado local implica a ordenação do território e mesmo o surgimento de um, no que se refere à introdução de novos objetos e (re)estabelecimento das relações sociais. Inicia-se com a instalação gradativa de equipamentos específicos como: hotéis, restaurantes, agências de viagem, empresas de transportes, empresas de entretenimento, parques, etc., que permitirão identificar e apreciar a organização do espaço para o turismo e a configuração territorial onde a atividade se desenvolve. “[...] Bem amiúde, o ‘planejamento do território’ é apenas um planejamento do espaço, no qual o turismo constitui um princípio de organização. [...]” (KNAFOU, 1999, p. 62)

Às margens do rio Sucuriú, os equipamentos não se restringem as residências secundárias, embora sejam os mais expressivos, mas também há pousadas e restaurantes.

A atividade turística é formada por uma série de bens e serviços ofertados ao consumidor desde o núcleo emissor (quando se prepara para a viagem), nas áreas de deslocamento (conjunto de infra-estrutura que facilita o movimento), e principalmente no núcleo receptor (destino provido de hotéis, restaurantes, entretenimento, etc.) onde se encontra o atrativo.

O desenvolvimento de uma atividade econômica promove a atração de outras empresas ligadas aos mesmos interesses de mercado. No caso do turismo, embora o âmbito econômico não seja o principal foco do trabalho, reconhece-se seu potencial enquanto instigador e motivador para o desenvolvimento do mesmo enquanto prática social com repercussões financeiras expressivas.

No turismo, o principal estímulo para o turista é o atrativo. Os pontos estratégicos para aproximação do turista são fundamentais para que o consumo exista. Desta forma, ocorre uma concentração de equipamentos em uma determinada área a fim de comercializar bens e serviços delineando a formação de territórios pela atividade. O mesmo pode-se dizer quanto ao fomento às atividades de lazer para a população local.

Foi constatado através de pesquisa quantitativa que 80,43% dos proprietários de residências secundárias são originários do próprio município, ou seja, do núcleo urbano de Três Lagoas.

Tal dado permite compreender a baixa oferta de infra-estrutura nas áreas de deslocamento, uma vez que a distância percorrida entre o núcleo urbano de Três Lagoas e o loteamento mais próximo é de 3 quilômetros e o mais distante 36 quilômetros, possibilitando ao indivíduo o fácil abastecimento de mantimentos e materiais de consumo diretamente na cidade.

As atividades econômicas que se iniciam, independentemente da localidade, certamente acarretam transformações, no âmbito social, econômico e físico, porém, o turismo tem características peculiares, uma vez que esta atividade tem na cultura e nos recursos naturais sua motivação e o interesse em apreciá-los e interagir.

Para a prática do turismo é imprescindível o deslocamento, e neste sentido é possível distinguir três áreas específicas com características similares no ritual do turista. Rodrigues (2001) e Cruz (2003) concordam que o território turístico está definido por três áreas respectivamente: área de dispersão ou pólo emissor, área de deslocamento ou espaços de deslocamento, e, área de atração ou núcleo receptor. Para as autoras, a condição de deslocamento concebe a fragmentação do espaço geográfico.

A atividade turística tem se caracterizado por um mercado cada vez mais organizado. Ao decidir viajar, muitas pessoas procuram assistência de uma empresa especializada na organização da viagem (passagem, reserva de hotel, reserva de passeios, restaurantes, traslado), e isso demonstra a profissionalização do mercado turístico como um todo. As atitudes tomadas antes da viagem são realizadas na área de dispersão, assim como a preparação e organização da viagem, e o orçamento para a viagem até o retorno.

No núcleo urbano de Três Lagoas há pelo menos uma agência de viagem que oferece locação de ranchos nas proximidades do rio Sucuriú, somando nessa oferta 13 propriedades que disponibilizam sua infra-estrutura para descanso ou mesmo para eventos.

Na área de deslocamento é propícia a instalação de infra-estrutura de apoio para o turista como lojas de conveniência, restaurantes, postos de combustível, telefones públicos, sinalização adequada, e mesmo aqueles utilizados em caso de imprevisto como borracharias.

A proximidade entre residência secundária e residência permanente é fundamental para usufruir desse meio de hospedagem. Em Três Lagoas, as rodovias de acesso permitem sua ligação com Estado de São, interior do Estado de Mato Grosso do Sul e a capital Campo Grande. Em referência às residências secundárias, a principal via de acesso é a BR 158

sentido Três Lagoas-Selvíria e a MS 320 Três Lagoas-Inocência. Os loteamentos ficam nas proximidades da BR 158, pavimentada, porém a partir daí se dá por via rural sem pavimentação.

Cabe ressaltar que a maioria dos proprietários é do próprio município de Três Lagoas, logo, o deslocamento pode ser feito por estes até sua propriedade – sendo a mais distante – em cerca de 1 hora. O principal meio de transporte são veículos particulares.

Na área de atração estarão todos os equipamentos imprescindíveis ao lazer, estadia, restauração, e infra-estrutura de maneira geral. Rodrigues (2001a, p. 43) se refere às áreas de atração como: “[...] É nestas que se manifesta materialmente o espaço turístico ou se reformula o espaço anteriormente ocupado. É aqui também que se dá de forma mais acentuada o consumo do espaço”. Assim sendo, a área de atração é onde se dá a efervescência da atividade turística, das relações sócio-espaciais. É importante ressaltar que os equipamentos serão instalados nas proximidades dos atrativos e a valorização imobiliária será a primeira evidência da capitalização do entorno do atrativo turístico.

Na área de estudo, no passado recente - década de 1970 - o uso do espaço pela produção agropecuária, sua forma, função, estrutura social, e todos os elementos que faziam parte do exercício cotidiano da existência de dada população, delineava a territorialidade. A partir de dado momento, novas funções foram adquiridas pela área ribeirinha do baixo rio Sucuriú especificamente, e a territorialidade é aquela concedida pela organização desse espaço para o lazer, das motivações e relações estabelecidas pelo indivíduo e aquele espaço.

A refuncionalização do espaço agropecuário em toda sua complexidade (configuração territorial, relações de produção, cultura) para a construção de residências secundárias, organizou a territorialidade para o lazer, com características próprias e muito distantes da primeira, agora voltadas para o deleite e não para a produção.

De um modo geral, a expansão do turismo no Brasil tem estabelecido, em todos os lugares valorizados, a reprodução do mundo urbano. A indústria imobiliária de segunda residência e os grandes projetos turísticos têm construído novas territorialidades alicerçadas nos mais modernos parâmetros urbanos. Esse processo proporciona a superação do estranhamento ao meio natural, pouco domesticado, e oferece ao turista a apropriação de um lugar repleto de objetos conhecidos. (LUCHIARI, 2002, p. 121)

A organização desse espaço por parte das imobiliárias, com a instalação de energia elétrica, abertura de estradas rurais, facilita a permanência do indivíduo na propriedade, e se torna um meio de atraí-lo perante tantos recursos que se aproximam da realidade urbana. A

similaridade do conforto do ambiente cotidiano dá maior estabilidade e segurança e atua como fator indispensável para aquisição e frequência nas residências secundárias.

A turistificação de lugares é processual, formando territórios pelas mudanças efetivas que ocorrem numa determinada área, sendo estas reveladas em Três Lagoas pela introdução de novas formas para o turista e o redirecionamento das formas antigas para serem incorporados pelo mercado. A organização do espaço para o lazer nesse estudo, na condição de residências, piscinas, quadras esportivas, trapiches, etc., representam o delineamento de novas formas sobre a paisagem agropecuária.

As residências secundárias representam a posse sobre a terra e a apropriação simbólica da paisagem e dos recursos nas proximidades de tal forma que é impossível em alguns momentos percorrer as margens do rio pelas praias. As cercas e muros se estendem até alguns metros adentro do rio.

Sobre o processo de “turistificação” (CRUZ, 2001), o mesmo se deve à iniciativa de planejadores e promotores territoriais. No entanto houve omissão de órgãos competentes no acompanhamento e fiscalização durante o processo de ocupação de uma área ribeirinha que deve obrigatoriamente conservar os remanescentes da mata ciliar. A falha nesse processo culminou na intervenção do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) sobre o cumprimento das leis ambientais na área aplicando sanções sobre os proprietários que descumpriam as leis ambientais na ocupação desse espaço.

Na formação dos territórios turísticos, Knafou (1999) enfatiza três agentes responsáveis: turistas; mercado; e, planejadores e promotores territoriais. Na área de pesquisa estes agentes são representados pelos turistas, que podem ser o indivíduo de outra localidade que permanece às margens do rio Sucuriú, assim como os moradores de Três Lagoas que atuam no uso intensivo da área para o lazer. O mercado é representado pelos proprietários de equipamentos que irão proporcionar serviços aos turistas como hospedagem e restauração. E, os planejadores e promotores territoriais representados pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas e imobiliárias. Esse último seria o principal agente de formação do território turístico às margens do rio Sucuriú, uma vez que a Prefeitura Municipal de Três Lagoas declarou essa área como Zona de Turismo em 1971, e as imobiliárias, promoviam e promovem loteamentos e a venda de lotes desse local.

Embora a presença do turista seja a condição para a atividade, em poucos casos o turista é o responsável pela introdução da prática turística, Cruz (2003) ressalta a existência de “visitantes pioneiros”, que são pessoas que se aventuram na descoberta de paraísos naturais em busca do desconhecido.

Os empreendedores são os principais responsáveis pela firmação da atividade em determinado lugar e pelo delineamento de territórios de lazer e turismo. Na maioria das vezes, a ausência de normas de regulamentação e fiscalização sobre essas empresas, causa a ocupação desordenada comprometendo os recursos naturais, a segurança e o bem-estar próprio e do visitante, logo, comprometem o exercício da empresa a longo prazo à medida que o visitante não tolera condições da desordem e busca outras opções.

Mediante a introdução de equipamentos pelo mercado turístico, os planejadores e promotores territoriais - representados por órgãos públicos - vêm suprir as carências de infraestrutura básica para o progresso da atividade e aplicar medidas de coerção em casos de irregularidade.

A aquisição de uma área, ou imóvel afastado do perímetro urbano primordialmente para fins de lazer, confirma as intenções do homem contemporâneo perante seus anseios de qualidade de vida e estreitamento do convívio familiar junto a recursos naturais.

A designação dada por Rodrigues (2001) “o mito do eterno retorno” aflige o homem moderno que busca no encontro com a natureza, a renovação das forças para retornar ao ambiente citadino e à rotina. Esta tendência é iminente ao homem moderno, levando-se em consideração que atualmente a maior parte da população brasileira está concentrada nas cidades acentuando ainda mais esta prática.

3 Considerações Finais

Aparentemente uma atividade econômica não possuiria os atributos necessários para delinear incisamente o arranjo espacial. O turismo representa uma atividade complexa suscitada pela renda que injeta na economia local. Nas condições atuais, com eficientes meios de transportes aliado ao fluxo de informações, as pessoas aumentam as possibilidades de deslocamento no globo terrestre. A presença de turistas é suficiente para o surgimento de edifícios e infra-estruturas para atendê-los.

Em decorrência da expressividade no mercado, o turismo se mostra como um produtor de espaço, reorganizando a sua configuração territorial e imprimindo funcionalidades as estruturas pré-existentes e introduzindo novas. Independentemente de local, tempo, cultura, o turismo se apropria do espaço e produz seus territórios para a lógica do consumo.

As concepções criadas recentemente sobre o meio natural implicam diretamente na turistificação de lugares. A instalação de infra-estrutura (rodovia, energia elétrica,

saneamento), residências, hotéis, restaurantes e outros, é o delineamento da organização do espaço para o lazer e turismo às margens do rio Sucuriú, Município de Três Lagoas-MS. Áreas funcionalmente rurais adquirem, após intensa especulação imobiliária e densa ocupação, formas e funções tidas como urbanas.

A territorialidade é expressa no significado adquirido por essa área, concebendo espaço de relações e formas características. Os atributos concedidos e conquistados pela dinamicidade humana evidente nas particularidades de uso do espaço, como dito, nas formas e na sua lógica de organização para o lazer, assim como o simbolismo que envolve a residência secundária como manifestação da cultura (no) local.

Referências Bibliográficas

CESP. **Ilha Solteira**: a cidade e a usina. São Paulo: CESP, 1988.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Política de turismo e território**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KNAFOU, Remy. Turismo e território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 62-74

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Turismo e território: sustentabilidade para quem? In: BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete (Org.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 111-125

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Prostituição de rua e turismo em Copacabana – a avenida Atlântica e a procura do prazer. **Território**. Rio de Janeiro: Garamond. Ano 2, n. 3, p. 87-99. jul./dez. 1997.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec: São Paulo: 1988.

_____. O dinheiro e o território. In: _____ (Org.). **Território e território**. Niterói: Programa de Pós-graduação em Geografia, UFF/AGB, 2002, p. 9-15

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem**: casas de temporada. São Paulo: Roca, 2001.

TURRA NETO, Nécio. Do território aos territórios. In: MAGNONI JÚNIOR, Lourenço; SOUZA, Edson Belo Clemente de; SOUZA, Álvaro José de. **Paisagem território região**: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000, p. 87-101.